

Em 1964 a incipiente democracia brasileira sofreu um duro golpe. Foram 21 anos sob uma ditadura que arquitetou uma verdadeira máquina de guerra e disseminou a prática da tortura como método privilegiado de solução dos conflitos políticos e sociais. A ordem era eliminar o “*inimigo interno*” - assassinar, torturar e apartá-lo do corpo social para que o crime não deixasse vestígios.

Grande parte da população ainda não sabe, não acredita ou não quer saber sobre tais práticas de violência de Estado nos cárceres políticos. Naqueles que sofreram na carne os anos de chumbo<sup>2</sup>, são muitas as chagas de medo e da dor e há, pelo menos, três gerações marcadas por isso.

A proposta das Clínicas do Testemunho integra o conjunto de programas de reparação e justiça de transição da Comissão da Anistia<sup>3</sup> e tem como eixo da reparação psíquica o trabalho de recuperação da memória, o que aparentemente constitui um paradoxo, já que o termo anistia vem do grego e do latim tardio e remete à amnésia ou esquecimento.

A Clínica do Testemunho do Projetos Terapêuticos, fez parte deste trabalho entre 2013 e 2015, realizando o atendimento clínico, a pesquisa teórica e a transmissão.

---

<sup>1</sup> Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do *Instituto Sedes Sapientiae*, coordenadora do Núcleo de Atendimento de Famílias no *Projetos Terapêuticos* e membro da equipe clínica da Clínica do Testemunho no *Instituto Projetos Terapêuticos em parceria com a Comissão da Anistia* (2013 a 2015), membro integrante da Rede Latino Americana de reparação Psíquica.

Rua Jericó, 255, cj 12, CEP 05435040.

Telefone: 011 38162538.

Email: [mbeatrice@gmail.com](mailto:mbeatrice@gmail.com)

<sup>2</sup>Expressão usada para marcar o traço de ditadura de cunho militar.

<sup>3</sup> A Comissão da Anistia faz parte do Ministério da Justiça e tem como função julgar os processos de pedido de reparação aos que tiveram seus direitos civis violados pelas perseguições políticas na ditadura. Há, pelo menos, 70.0000 processos entre os já julgados e os ainda em julgamento na Comissão da Anistia.

Embora estes planos contenham vários pontos de conexão, nesta apresentação vou seguir algumas questões que me acompanharam no trabalho clínico .

O desafio da Clínica do Testemunho foi criar uma configuração de settings para sustentar o acolhimento e a possibilidade de escuta, facilitando a fala, para compartilhar narrativas e desprivatizar a dor , mas também considerar o respeito à intimidade. Montamos um « grupo intergeracional » com sessões semanais, por vezes em composição com atendimentos pontuais das famílias nucleares ou com sessões individuais.. Pais, filhos e netos falaram e se escutaram e tiveram a possibilidade de fazer perguntas, de uns filhos para outros pais e vice versa. As sessões familiares foram realizadas quando havia demanda de recuperação de histórias interrompidas, quando já se apresentava um não dito a ponto de poder ser dito. As sessões individuais ,quando o sigilo foi condição para contornar a irrupção da angústia, na construção de uma narrativa que permitisse a saída do terror . Em alguns casos, também foi realizado o acompanhamento medicamentoso psiquiátrico , quando esse recurso se fez necessário .

Tivemos ainda o trabalho da « Incubadora de Projetos » que gerou oficinas de testemunhos em vídeo, na leitura de uma peça de teatro, e uma oficina de costura e estampanaria.

Transversal aos enquadres da clínica institucional ,tivemos as « Conversas Clínicas Públicas » dispositivos de intervenção sobre silêncio e o desmentido nos coletivos. As CCP que eram realizadas em parceria com outras instituições não clínicas e tiveram como principal característica o fato de serem abertas ao público em geral. Para introduzir a tarefa ,utilizamos recursos audiovisuais na forma de testemunhos sobre a ditadura . Na sequência, três psicanalistas se colocavam a frente ao auditório, e depois de uma breve apresentação convidavam o público a falar de suas experiências pessoais com a violência de Estado.

### **Sobre alguns conceitos desta clínica:**

A violência de Estado, pela imposição de silencio , pelo uso disseminado da tortura e de sua ameaça, ataca as condições de pensamento e a ordem de silêncio não se restringe ao torturador e torturado, mas a toda a sociedade. Na prática da tortura a palavra é pervertida, reduzida à dimensão de insulto, por parte do torturador, e de

“confissão” ou “delação”, por parte do torturado. No corpo social, o silêncio é repleto de medo e segregação.

A sociedade cala e o trauma de quem é exposto a tais condições de exclusão social e desumanização separa a vida em duas partes: antes e depois. Aquele que adentrou a “sucursal do inferno”<sup>4</sup> atravessa experiência da morte e o sobrevivente não se reconhece no que era antes. Um morre, outro fica em seu lugar.

Nesta clínica a posição do psicanalista é acolher o encontro com a destruição da função de ligação da linguagem e procurar “escutar” a busca de ligação naquilo que aparece como caco de memória, afeto, signo e palavras isoladas.

Os traumas revelam os efeitos devastadores da pulsão de morte muito além do princípio do prazer, chegando a comprometer até a condição de realidade psíquica, ao que teria sido a experiência vivida.

A Clínica do Testemunho, enquanto proposta de reparação subjetiva, apresenta-se como espaço transicional para se jogar carretéis e dar margem a figurações e palavras que possam vir a conectar algo do que ficou sob a sentença do traumático, dando possibilidade de conectar as marcas dispersas nas histórias com h minúsculo e a História com H maiúsculo.

### **O delicado trabalho de tecer as palavras.**

Maria, após dias de tortura, foi jogada numa solitária fria, sem nenhuma condição de higiene, dias e noites sem que a luz ou qualquer outro sinal fizesse referência à passagem do tempo, além de um prato de comida que de vez em quando era ali depositado. Para suportar, “conversava” imaginariamente com os filhos.

João, nos intervalos das sessões de suplício, falava sem parar a noite toda. Mal podia dormir e não deixava dormir os que dividiam a cela com ele<sup>5</sup>.

Como diz meu colega Rodrigo Blum, *diante da violência “a subjetividade fica transtornada, marcada por uma ausência de representação, uma impotência simbólica, um imaginário chapado e traumatizado. Desamparado, o sujeito está submetido ao mais*

---

<sup>4</sup>Metáfora cunhada pelos próprios torturadores à OBAN in L.D. Duarte-Plon e C. Meireles, *Um Homem Torturado; nos passos de Frei Tito de Alencar*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2014.

<sup>5</sup>Vários relatos escritos e falados descrevem situações semelhantes. Os nomes aqui são fictícios.

*alto dos riscos: o risco de não-representação..A ameaça da perda de representação é o mais profundo dos abismos”.*<sup>6</sup>

O testemunho é busca de re-ligação ao outro. O trabalho de sua construção , depois do horror, do seu desmentido por 40 anos , implica na “travessia do silêncio”<sup>7</sup> e no encontro com os caminhos da memória esfacelada e soterrada . Pra isso o grupo intergeracional oferece não só a polissemia , ou a polifonia pela diversidade de repertório, mas a condição de compartilhar suas histórias em diferentes perspectivas . Porém, aproximar-se das marcas recusadas ou foracluídas é proximidade com o risco e há que se enfrentar os caminhos da angústia e da dor.

Como fenômeno entre o corpo e o psiquismo, entre a linguagem e o silêncio, a dor é parceira de viagem e aparece em sua função de defesa na proximidade com o estranho. Como um afeto no entrelaçamento pulsional a dor faz limite, ora prestando-se à ação silenciosa da pulsão de morte, ora enlaçando-se à pulsão de vida, quando faz borda, contém e protege da comoção, barreira no encontro com a loucura ou com a morte.

Juan David Nasio, em *O Livro da Dor e do Amor*<sup>8</sup>, alude à imagem de um grito surdo, um grito de silêncio, ao descrever o que se passa na transferência quando as palavras estão em suspensão. Relaciona esse grito com a noção freudiana da melancolia, “uma hemorragia interna provocada por uma aspiração violenta”<sup>9</sup>. Na cura psicanalítica, da neurose de transferência , nas malhas do princípio do prazer, os analistas podemos nos interrogar e até mesmo interpretar. Diante dos fenômenos de limite no humano, diante da dor do grito mudo, há que se renunciar às interpretações.

Há que se fazer algo além. Antes de tudo é preciso dar sustentação a um trabalho de figurabilidade para o que pode vir a gerar referências subjetivas. É preciso ver, reconhecer e conter. O aparelho psíquico do analista e o espaço grupal são instrumentos de suporte e acolhimento, espaço intermediário, para abrir brechas, visualizar ou até alucinar alguma fantasia na transferência.

---

<sup>6</sup> Blum, Rodrigo ,*Travessia do Silêncio* , testemunho e reparação,Ministério da Justiça, Comissão da Anistia, São Paulo, Instituto Projetos Terapêuticos ,2015

<sup>7</sup> título do Livro publicado pela Clínica do Testemunho Projetos Terapêuticos SP

<sup>8</sup> J. D. Nasio, *O Livro da Dor e do Amor*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1997.

<sup>9</sup> J. D. Nasio, *op.cit*, p. 155.

## A reconstrução do laço social

O trauma decorrente das situações de terrorismo de Estado é, como todo trauma, marcado em dois tempos: o primeiro referente à violência das agressões físicas e psíquicas. O segundo, aquele que sela a condição traumática, é inscrito pelo desmentido do acontecimento, pela desautorização de seu reconhecimento no discurso coletivo. O registro da vivência fica sob efeito da recusa(refus) da realidade e resta a perda brutal de confiança no mundo e no semelhante.

O efeito de ruptura promovido pelo terror não só promove a demolição das representações nas quais o sujeito se reconhece, o que intensifica seu desamparo, mas busca introduzir, por meio do ódio, o carrasco na pessoa de sua vítima: Neste sentido o testemunho mais trágico é a constatação da incorporação da loucura da “língua” do torturador em suas vítimas. Língua que se instala como assombração, subjulga e destrói as possibilidades de restauração subjetiva e o acesso à vida viva.

Assim escreve Fernando: *“Durante a noite sou acometido de alucinações auditivas. Vozes múltiplas me chamam pelo nome e impõem ordens. Todos os meus pensamentos e ideias parecem continuamente captados e gravados a distância. ...são imagens díspares, fugazes, terrificantes, traços necrófilos de perfis indefinidos; porém assustadores. E elas impedem que o sono me vença”*<sup>10</sup>.

E também L. Roberto: *“Como contornar a lógica da tendência se o sabotador, com toda a sua malícia, instalou-se dentro da cabeça, enfiou-se no interior do interior, sugando os esforços e comprometendo a objetividade do pensamento?” Como fazer fluir a memória se as grades estão nela ainda “duramente plantadas”, “grades que continuam imaginárias, a me comprimir o cérebro”*<sup>11</sup>?

Esses testemunhos falam do árduo, e, às vezes irrealizável trabalho de des-identificação com a crueldade do torturador. Loucura que invade a sua vítima com imperativos de culpa, vergonha, desqualificação e que retorna em vozes perfurantes. A sua língua se instala como imperativo de morte e grita nos acidentes, nas doenças, nos

---

<sup>10</sup> Frei Betto, *op.cit.*, p.42.

<sup>11</sup> L. R. Salinas Fortes, *Retrato calado*, Marco Zero, São Paulo, 1988, p.100.

episódios melancólicos, ou naquilo que, no decorrer da vida de cada um, ficou como marca da impossibilidade de ligação ao outro.

Como o trauma é precisamente aquilo que não se faz passado, isso insiste em machucar, gritar, em se re-apresentar e causar horror. Dispor-se ao encontro com os efeitos do *pior* consiste em deparar-se com o estranhamente familiar(*unheimlich*) no cerne da transferência, tanto com a equipe de atendimento, como com o próprio grupo, ou a clínica como um todo.

O que dizer, então, quando as vozes dos tempos sombrios voltam a ganhar força na cena social?

### **Os limites da clínica no trabalho de reparação do laço social.**

Os testemunhos que foram processados nas Clínicas, nos estudos acadêmicos, nas reportagens jornalísticas, nos depoimentos, nas músicas, nas pinturas, nas colagens, nas esculturas, no cinema, no teatro são caminhos de apropriação das histórias e têm como destino o outro e o discurso social. Muitos deles são endereçadas à sociedade como um todo na esperança de serem escutados e reconhecidos, mas também como uma convocação de que as instituições façam a sua parte na tarefa de processamento da História.

A falta de julgamento das práticas das torturas, dos assassinatos, dos desaparecimentos forçados sob tutela do Estado, aliada à convivência de grande parte da sociedade, constituem um sintoma social costurado por um pacto denegativo em torno desta fratura exposta.

Além de termos convivido com os restos dessas práticas de violação de cidadania ao longo desses anos nas periferias das cidades e na luta no campo, no Brasil de hoje assistimos o retorno da entonação da “língua do torturador” na cena política.

Isso aparece desde a instrumentalização da figura jurídica da “delação premiada”, na espetacularização das condutas policiais, até no discurso jurídico midiático. A farsa do processo de impeachment deixou evidente a nova versão de golpe, onde tivemos até a cena de ameaça expressa na homenagem ao torturador que,

Numa parceria parlamentar-jurídica-policial- midiática patrocina-se a amplificação dessas vozes e a repetição do uso da repressão ostensiva aos protestos, o que viola o contrato social democrático.

A destituição do valor da palavra e o uso da língua do torturador nas ruas, nas praças e nas instâncias do Estado, voltam a degradar os espaços políticos e comprimem os laços sociais, rompendo o diálogo.

A impostura da lei lança os sujeitos no desamparo, no susto e na melancolia, ou no gozo cruel. Resta aos cidadãos o ônus de reconstruir a cada dia seus laços e referências simbólicas, ou se alienar e abolir a alteridade.

É importante reconhecer que os diversos movimentos sociais tem feito um esforço extraordinário pra resguardar o exercício da liberdade de pensamento e de organização para esvaziar o discurso fascista.

Assim, como em outros campos de saberes e práticas, nós psicanalistas temos desenvolvido práticas de psicanálise ampliada nos projetos com cidadãos em condição de vulnerabilidade, com os efeitos do racismo, com refugiados, com ex presos políticos, com vítimas de violência de Estado. Também tivemos a criação de uma Rede Latino Americana de Reparação Psíquica.

Por seu lado, se a clínica e o pensamento psicanalítico não são suficientes para barrar a lógica da ameaça e do medo, pelo menos são espaços de circulação de ideias, o que é fundamental na manutenção da vitalidade e no manejo com o mal-estar.

## Referências bibliográficas

Betto, F. *Diário de Fernando*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

Comissão da Anistia, Clínica do Testemunho Projetos Testemunho do Instituto Projetos Terapêuticos. *Travessia do Silêncio, testemunho e reparação*; São Paulo: Instituto Projetos Terapêuticos, 2015.

Nasio, J. D. *O Livro da Dor e do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

Riqueur, P. “O bom uso das feridas da memória” in *Les résistances sur le Plateau Vivarais-Lignon*. Publicado em: (1938-1945); *Témoins, témoignages et lieux de mémoires. Les oubliés de l’histoire parlent*, Paris Editions du Roure. Disponível em [www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/](http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/), Acesso em 20/04/2014.

**Rolland, J.C. Soigner, témoigner** (palestra proferida em 18/06/2011 durante o V Colóquio da Associação Primo Levi, tendo como tema: “**Linguagem e Violência: os efeitos dos discursos sobre a subjetividade de uma época**”). Disponível em [www.dominicanos.org.br/textos/frtito/htm](http://www.dominicanos.org.br/textos/frtito/htm). Acesso em 20/03/2013.

Salinas Fortes, L. R. *Retrato calado*. São Paulo, Marco Zero, 1988.

Viñar, M e M. *Exílio e Tortura*. São Paulo: Editora Escuta, 2009.